

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Morgana Marcatto

**Centro de Memória da Etec João Gomes de Araújo
Pindamonhangaba/SP**

2025

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Patrícia Campos Magalhães

Instituição: Centro de Memória da Etec João Gomes de Araújo, em Pindamonhangaba/SP

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Morgana Marcatto iniciou sua trajetória profissional no ensino técnico no Centro Paula Souza, após uma sólida formação em Publicidade e Propaganda, complementada por uma pós-graduação em Marketing. Ingressou na instituição em 1998 como professora de Marketing no curso Técnico em Hotelaria, assumindo rapidamente posições de liderança, como a coordenação dos cursos de Hotelaria e Turismo. Sua gestão se destacou pela implementação de currículos adaptados às necessidades locais, com foco em turismo receptivo, rural e de eventos. Além disso, liderou projetos inovadores, como visitas técnicas e levantamentos do potencial turístico de Pindamonhangaba. Morgana contribuiu ainda para a formação prática dos alunos, promovendo concursos fotográficos e seminários regionais. Atualmente, segue atuando no Centro Paula Souza, dedicada à gestão de patrimônio e comunicação em projetos administrativos.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Patrícia Campos Magalhães

Local da entrevista: Etec João Gomes de Araújo

Data: 08 de abril de 2025

Técnico de gravação: Patrícia Campos Magalhães

Duração: 51 minutos e 54 segundos

Número de vídeos: um

Transcritora: Patrícia Campos Magalhães

Número de páginas: 20

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do desenvolvimento do projeto "Trajetória do Curso Técnico em Turismo na Etec João Gomes de Araújo" tem como objetivo resgatar e documentar a história do curso, oferecido entre o final dos anos 1990 e início dos 2000, por meio de pesquisa em documentos e artefatos preservados no Centro de Memória da instituição, além de entrevistas de história oral que será apresentado durante a Jornada do Patrimônio Cultural da Educação Profissional e Tecnológica, em outubro de 2025, contribuindo para a valorização do patrimônio cultural da instituição e para a sensibilização da comunidade escolar sobre sua importância.

Transcrição da entrevista

Datas da transcrição da entrevista: de 05 de abril a 15 de maio de 2025

Nome da transcritora: Patrícia Campos Magalhães

Retorno da colaboradora: 29 de maio de 2025

Recebido da entrevistadora em: 17 de agosto de 2025

Patrícia Campos Magalhães (PCM): Oi, tudo bem?

Morgana Marcatto (MM): Oi, tudo bem.

PCM: Nós estamos aqui, no dia 8 de abril de 2025 com a professora Morgana, que vai dar uma entrevista para gente sobre a história dela na escola, na instituição, né, do Centro Paula Souza, e também sobre o curso Técnico em Turismo. Então, vamos lá, Morgana, me conta. Como é que você fez? Como é que aconteceu que você veio para cá?

MM: Bom, vamos lá. Eu comecei, eu comecei aqui. Foi por acaso que eu parei aqui na escola. Eu entrei, eu entrei dentro do prédio da escola depois de 18 anos, que eu tinha me formado no Ensino Médio aqui, porque eu ia fazer inscrição. Eu queria saber a informação sobre o curso Técnico em Hotelaria. Porque eu estava, eu tinha pedido demissão no BANESPA, né, que foi naquela época da privatização e tal. E aí teve um PDV lá. Eu saí do PDV e aí eu

precisava de um emprego. Tinha que filho pequeno, aquela coisa toda. E eu falei assim, acho que o jeito mais fácil é eu ir fazer o curso técnico para eu me reinserir no mercado de trabalho... Porque eu trabalhei a vida inteira em São Paulo, em Campinas, a vida inteira até então, né? E aí, eu entrei aqui. Quando eu fui entrar para saber a informação do curso, eu vi o edital para o concurso pra professora de Marketing do curso de Hotelaria.

PCM: E a sua formação é Marketing?

MM: A minha formação é em Publicidade e Propaganda. E eu tenho um pós-graduação. Uma das minhas pós-graduações era em marketing. Aí eu olhei assim e falei, nossa, pode ser formado em publicidade. Vou tirar a informação sobre, e aí acabei passando o concurso e vim para aula dar o curso.

PCM: O curso já existia?

MM: Já existia. Eu não me lembro como era o nome da moça que coordenava, que era professora, que eu não cheguei a conhecer, porque ela estava naquela coisa do... O período, né? Como é que chama? Processo. Processo seletivo, né? De coordenação. Então acabou o dela e teve uma outra prova. E aí eu passei também no processo seletivo. E aí deu um desligamento, uma mudança de carga horária no curso e a matéria de Marketing de Hotelaria foi suspensa naquele semestre. Aí eles abriram o concurso. E aí eu passei no concurso direto e foi em 2000. Em 1998, eu entrei no processo seletivo, aí eu fiquei até o meio de 1999, fiquei seis meses afastada. E aí teve o concurso, aí eu entrei em 2000.

PCM: No Turismo?

MM: Não, não, foi na Hotelaria. O curso de Turismo ele abriu, acho que foi no segundo semestre. Não me lembro exatamente quando, se foi no primeiro ou no segundo de 2000. Eu entrei na Hotelaria em 1998. E aí em 2000 abriu o curso de Turismo. Aí, logo que eu voltei, a Ivete (Ivete da Mota Colin) já confiava em mim, porque na época da hotelaria ela me colocou lá como coordenadora da Hotelaria. Nossa, uma roubada enorme assim, porque foi bem difícil coordenar aquele curso.

PCM: Sei que não é o foco é a minha pesquisa, mas você consegue me contar um pouco do curso de Hotelaria?

MM: Então, o curso de hotelaria foi implantado primeiro aqui em Pinda no Centro Paula Souza. Foi um projeto da Regiane, que era coordenadora da Nutrição. Meio que delas, dela e da Lúcia. Então, era um projeto meio que da nutrição implantar o curso de Hotelaria. E quando eu vim dar aula aqui no curso de Hotelaria, e a Ivete (Ivete da Mota Colin) me passou a coordenação, eu fui para São Paulo ver como eram os cursos, eu não entendia muito de hotelaria. Não entendia nada. Eu nunca tinha trabalhado em hotelaria. Então, eu fui no Senac, fui nos lugares onde eu sabia que tinha curso de hotelaria para tirar informações. E aí lá eu conheci um cara que era coordenador do curso de Hotelaria. Ele me falou uma coisa. Ele falou assim: "Como que está a formação desse curso lá na sua unidade?" Ai, eu expliquei para ele. Falei, ah, foram as professoras da Nutrição... Quando eu falei que foram as professoras da nutrição, ele pegou e fez assim: "Hum..." Ai eu falei, por que você está fazendo isso? E ele falou assim "Olha Morgana, a nutrição não é um bom começo para o curso de Hotelaria. Porque a parte de alimentos e bebidas no curso de hotelaria é muito importante. E a nutrição tem muitas regrinhas que o chefe de cozinha não consegue trabalhar." Que era uma coisa que era complicada no curso de hotelaria aqui na unidade. Entendeu? Então, tipo, a gente tinha às vezes palestra que eu trazia de cheff e aí a nutrição tem várias coisas que eles...né?. Então, esse foi o problema. Isso foi uma coisa que foi detonando com a ideia do curso de hotelaria. E aí, depois, a Ivete (Ivete da Mota Colin) me transferiu para a Supervisão Estágio e colocou a lara (lara Aparecida Cesar de Almeida) na coordenação do curso de Hotelaria, porque ela entrou um pouco depois do que eu. A lara não é a lara Informática (lara Gonçalves), é a outra lara (lara Aparecida Cesar de Almeida). E o curso foi diminuindo. Na verdade, esses cursos têm meio que isso, em cidade pequena. Pinda não é uma cidade grande para você ter uma turma eterna dessa área. Porque você forma uma quantidade de alunos e depois isso vai mudando. Porque todo mundo podia trabalhar naquela região daqui, (inaudível)

PCM: Então, você entra para trabalhar na hotelaria, e depois, quando acontece o curso de turismo, você entra. Já entra como coordenadora

MM: Entro como coordenadora. É isso mesmo. O curso de turismo começou em 2000. A Bete era coordenadora, porque ela era de Guará. E ela fica até o final de 2000. E aí, eu que assumo e a Ivete (Ivete da Mota Colin) passa para mim a coordenação do curso, porque a Bete também estava deslocada, Guará era muito difícil, muito complicado... aí, eu assumo e começo a fazer o curso ter a a minha cara, do meu jeito. Porque, assim, a Bete fazia ... Porque, assim, naquela época, o curso de Turismo do Centro Paula Souza era muito direcionado para você trabalhar em agência de Turismo. E aí, eu percebi... na verdade, é

aquela coisa de você ter percepção do lugar onde você está. O negócio da hotelaria foi a mesma coisa. Então, assim, eu percebi que aqui em Pindamonhangaba eu não podia formar um grupo para trabalhar em agência de turismo. Só tinha uma agência de turismo aqui. Então, como é que eu vou formar turmas para trabalhar? Eu preciso formar gente para receptivo. Gente que entenda de receber pessoas. Porque a gente tem um bom potencial. E aí, em função disso, que a prefeitura acabou chamando a gente para fazer a pesquisa do potencial turístico da cidade e tudo mais. E aí eu dei uma cara de um curso mais receptivo, porque a gente tinha essa possibilidade antigamente. E aí eu montei uma grade de curso Receptivo com características de matérias... Eu, o Daniel (Daniel Rigi Campos), sentamos e montamos uma grade que seria Turismo Receptivo.

PCM: Então, o turismo da Paula Souza vocês fizeram...

MM: Não, é que naquela época não tinha o laboratório de currículo. Então, do mesmo jeito que plantou a de hotelaria aqui, que o pessoal da nutrição montou a grade levou lá, foi aceito e implantou aqui, a gente fez a mesma coisa. A gente pegou e montou uma grade. Eu tenho até essa documentação em casa, e eu levei lá e entreguei no que era Cetec na época, que era bem pequenininho. Naquela época, a gente devia ter umas... não tinha 200 escolas. Não chegava a 200 escolas. Eu acho. Posso até confirmar isso, mas eu acho que não chegava a 200 escolas. E eu cheguei e entreguei na mão do sr. Almério (Almério Melquíades de Araújo) a proposta nossa, os conteúdos de cada matéria, como é que iam ser as matérias, as matérias deveriam ser, é... coisas, relacionadas ao receptivo. Tinha turismo de aventura, turismo rural, turismo de evento rural, turismo de evento de outras coisas. Então, a gente montou uma grade que atendia a essa expectativa da cidade, do município. E a gente levou para ele. Nunca tivemos resposta. Aí, depois de uns quatro ou cinco anos, eles fizeram uma modificação na grade de turismo e dividiram ela entre turismo e... Negócio de guia de alguma coisa... A de turismo era praticamente a grade que a gente já fez.

PCM: Chegou a implantar aqui?

MM: Não, já tinha acabado.

PCM: Então, vocês usaram a grade de São Paulo. Vocês usaram a grade de São Paulo e isso...

MM: É, a gente sempre trabalhou. A gente sempre trabalhou nessa grade do Centro Paula

Souza. E a nossa ideia era que essa grade entrasse lá para ter dois cursos diferentes, Turismo Receptivo e algum, sei lá, Turismo de Agência. Na verdade, a gente via na época, uma possibilidade de ter três modalidades de turismo: o Turismo Receptivo, o Guia de Turismo e o Turismo de Agência. Porque as especificações de cada uma dessas três áreas eram bem fechadinhas. Então, o que a gente poderia ter na possibilidade que tem hoje? Você tem um curso de um ano de turismo e aí você tem especialização. Para guia e para receptivo ou para agência. Então, mais seis meses para um deles. Você formaria um aluno com a ideia toda de como funciona o mercado de turismo e essa coisa toda, e aí você especializaria nessas coisas. Mas, no final das contas acabou o curso aqui. Acabou, não tem curso mais.

PCM: O curso funcionou até quando aqui?

MM: Agora eu não sei qual é esse problema, porque eu já não trabalho. Eu acho que tem até 2006. Eu acho que até, 2006, não sei... eu acho, 2006 ou 2007, foi quando o Daniel saiu. Quando ele viu que estava minguando, ele deslocou as aulas dele para unidades onde não tinha curso de turismo. Então, ele foi para a Ribeirão Pires, e aí ele prestou um concurso no Instituto Federal e ele está lá até hoje. Saiu, ele ficou um tempo no Paula Souza, no Instituto Federal e hoje está lá no Instituto Federal em Campos do Jordao. Também na área de turismo

PCM: Então, e o acervo fotográfico? Eu gostaria que você desse uma olhadinha e contasse para a gente sobre...

MM: Então, vamos lá. O acervo fotográfico foi muito legal de montar. Essa foto que tinha lá em casa, inacreditavelmente, essa visita técnica, isso aqui foi o que eu estava falando para você olha, essa foto, essa foto, essa, essa, essa, essa, isso aqui foi o concurso da visita técnica. Os alunos tiraram, eu pedi para eles: - olha, vocês tirem uma foto a mais bonita que vocês puderem. A ideia era pegar o aluno e ele ter um olhar para a cidade. Então, o que ele achasse de muito legal; eu falei: - vocês vão escolher uma dessas fotos e a gente vai fazer um concurso. Então, eu fiz uma tela lá em cima na saída do salão de cima, e eu pendurei todas essas fotos com números. E os professores que passavam por ali, olhavam as fotos e votavam na foto que eles achavam mais interessante. Então, aqui é uma rua lá em São Paulo, não lembro que rua que é. Essa aqui é a última cena do espetáculo que a gente foi assistir, que foi a "Bela e a Fera". Tiraram escondido, porque não podiam. Esse aqui foi no Museu de Arte Moderna. Essa aqui é da Estação da Luz, que a gente foi no Museu da Língua Portuguesa também, nessa visita técnica. Esse aqui é o Pátio do Colégio. Essa aqui também foi no Museu de Arte Moderna, essa foto foi tirada lá. Esse aqui foi na Catedral da Sé. A grande maioria

das fotos eu lembro quem tirou. Essa turma é uma turma muito boa. Essa aqui foi dentro da Pinacoteca do Estado. Essa foi perto do Lago São Francisco, ali naquela outra foto. Essa aqui foi a Feira do vão do MASP. Essa aqui é o Teatro, que na época era o Teatro Abril. Foi onde foi a Bela e a Fera. Essa é da Avenida Paulista. E essa aqui é na frente da Pinacoteca. E aí a gente pôs essas fotos todas. Na verdade, eu lembro onde é, mas não lembro qual foto ganhou. Não consigo lembrar qual foto ganhou. E aí a ideia era que como o aluno ele estavam no segundo ciclo, eles ainda iam fazer uma próxima viagem que ia ser para o Petar, na verdade. Então, ia ter o desconto da viagem, do custo da viagem, porque a gente fazia viagem. Isso foi uma coisa que a primeira Etec que teve curso de Turismo, que fez visita técnica, com o pernoite, para os alunos poderem aprender inclusive sobre hospedagem, foi a nossa. Quando eu implantei essas visitas aí, eu fui num evento lá em São Paulo sobre essas coisas que tem sobre curso e tal, quando eu fui perguntar, eu falei “Mas eu faço visita com os alunos”. Falaram “Você está louca? Onde já se viu, você levar?”, Falei “Ué gente? Peço autorização dos pais, contrato seguro”. Aí falei pra eles, eu faço como PETAR, eles entram em caverna. Eles fazem em São Paulo. Eu falei, contrato seguro. Vamos nós, os professores que têm experiência, né? Porque o Daniel tinha experiência de guia, a Luciana (Luciana Campos) também, Luciana era guia formada. Eu falei assim, não tem perigo nenhum. Nunca aconteceu nada com os alunos e a gente viajava. Agora, eu ia com seguro, porque eu não sou louco nem nada. Eu vou levar para o Petar sem seguro? Nem a pau. E a gente tinha também uma pessoa que era muito fundamental para fazer essas coisas, que era a Asuncion. A Asuncion conhecia muita gente. Então, ela fez o contato de uma mulher de uma agência de turismo lá, que ela contratava o seguro para a gente de tudo. Todas as viagens a gente fazia com seguro. E os alunos não queriam. Os pais de alunos, os pais de alunos não queriam. Eles chegavam para mim e falavam: - “Ai mas precisa de seguro?”, falava “Minha senhora. Se o seu filho sofre um acidente, eu preciso colocar ele em um lugar seguro. E eu não vou conseguir fazer isso sozinha se eu não tiver um suporte”. O seguro, na época, custava R\$ 12,00. Acho que era equivalente hoje a R\$ 50,00. E eles iam tranquilos. Eu ia sossegada. Os guias que eu contratava no lugar no caso do Petar, eram sempre a equipe de melhores guias que tinha no lugar. Então, eles foram visitar a nascente do Rio São Francisco. Eles foram para o Petar. Eles foram várias vezes, o Petar acho que foi o que a gente mais fez viagem por ano. Era uma vez por ano a gente fazia. A gente foi para São Paulo. A gente fez essa viagem de São Luís do Paraitinga. Não parece, mas foi dois dias de atividades intensas lá. Fizemos caminhada em toda a parte histórica antes do acidente. Da enchente. Então, era muito bom fazer essas coisas com eles. Aí aqui é o Seminário de Turismo. Esse aqui foi em 2003. Com a Andréa Santinho, que eu falei para você, que é essa moça bonita aqui. Ela era.. a Assuncion falava certinho a qualificação dela, ela era...top consultor.. enfim, era uma top

consultora de turismo de receptivo de turistas brasileiros. Né? E ela fez uma escola...assim... e ai que criaram um receptivo de turistas brasileiro da Europa. Um monte de lugar. E essa mulher era consultora disso. Sensacional. E aí tinha ela e a abertura foi com esse moço, eu não lembro o nome dele. Acho que era Marcelo o nome dele. Ele era de agência de turismo também. Enfim, daí veio esse rapaz, que eu não lembro, mas ele era de agência de turismo emissor aqui no Brasil, que é a do receptivo, e veio um chefe de cozinha fazer o “coffee break” da palestra também. Foi um seminário que abrangia várias áreas, então é esse cara aqui. E a Tereza, Maria Tereza Abreu, essa aqui era da agência aqui de Pinda, a Maria Tereza enviava gente para a Andréia Santinho, ela é de Pinda, ela tinha uma agência. Na verdade ela era uma agente de turismo, eu não sei nunca se essa mulher abriu uma agência especificamente, mas se você chegava lá, você conversava com ela, era aquela coisa de, eu não conhecia esse tipo de trabalho de agente de turismo, a partir dela eu conheci vários no Brasil inteiro. Mas, você chegava lá e falava assim: - “Olha, eu quero ir para Bangladesh, você consegue montar um pacote para mim, que eu não vá em excursão?”, ela montava um pacote para você, com você recebendo uma florzinha no aeroporto, ela fazia isso, não tem mais. Não sei nem onde ela tá, nem se ela tá aqui em Pinda, mas eu acho até que ela era daqui de Pinda ainda, porque depois eu ouvi falar que ela estava trabalhando em agências, mas não vi mais. Depois eu conheci um cara do Rio de Janeiro, que eu queria ter trazido ele para fazer... Esse sujeito, ele tinha uma agência de turismo no Rio de Janeiro, que era uma sala que ele alugava, lá no centro do Rio, e era assim, a decoração da sala era uma escrivaninha no canto, um janelão que dava para a praia, e um tapete, e uma sala de visita com um sofá e duas poltronas. E era um lugar gigante, assim. E eu imaginava um monte de gente, né. E ele era esse cara, que nem a Maria Tereza, mas para gente muito rica, entendeu? Então, ele tinha um bar lá no canto, que tinha Whisky importado, muitas coisas, porque a pessoa chegava e servia e conversava com a pessoa, e montava o pacote para Grécia, para... Essa pessoa aqui, ela era do México, ela é brasileira, mas ela morava no México. Hoje, eu não sei onde ela está, porque eu perdi o contato também, entendeu? Mas ela morava no México. Se eu não me engano, ela era de São Paulo, que a Assuncion (Maria Assuncion Carrilho) conhecia. A pessoa chave para mim, no Curso de Turismo, era a Assuncion (Maria Assuncion Carrilho), de verdade, porque a Assuncion tinha um conhecimento absurdo de coisa internacional, porque ela trabalhava na Tenares lá, e ela trabalhava com isso, ela trabalhava com contatos internacionais. Então, ela falava para mim, Morgana, precisa mostrar para os alunos isso. Eu ia lá e arrumava um jeito de mostrar para os alunos. E aprendi muito com isso também, né? Naquela época, Patrícia, a gente criou uma equipe de turismo que era sensacional. Eu tinha uma pessoa que conhecia o mundo inteiro, que era a Marita, dando aula de História na Arte para o curso de Turismo, que era a Marita Prados da Fonseca. Quer dizer, era uma pessoa,

quando ela falou assim: “Morgana, precisava que os alunos tivessem uma ideia do que é a realidade do negócio..”. Nós pegamos aquela salinha lá em cima, tiramos a lousa, pintamos tudo de branco, porque ela projetava, na época era transparência, naquela época, aquele negócio de transparência... Então, era assim, a Capela Sistina projetada no teto, então o aluno sentava aqui embaixo e olhava pra cima e via... Ela tinha fotos da capela. Você está entendendo? Aí, ela era isso. Tinha a Vera (Vera Klain), psicóloga, não sei se você lembra dela, a Vera. A Vera, psicóloga, era psicóloga do presídio, então, ela achava que era o jardim da infância dar aula aqui. E ela criava projetos, ela dizia assim, “Vamos educar eles para o trabalho de turismo?”, “Vamos Vera?” “Como assim?”. E aí, ela ia lá no hotel, perguntava para os caras como é que tinha que agir. E ela dava aula no turismo para o profissional de turismo trabalhar. Ela falava assim, esse negócio de psicologia hoje é muito chata, vou dar educação para o trabalho no turismo. Por isso que eu falo, a gente conseguiu montar essa grade por causa dessas pessoas. O Daniel, que era uma pessoa que, ele era o único formado, realmente, em turismo. Mas ele tinha um conhecimento gigante das coisas, porque ele trabalhou a vida inteira em São Paulo. A vida inteira, até os 22 anos de idade, em São Paulo. Mas ele começou a dar aula com 17 anos, então, conhecia as coisas. Hoje, ele já fez até mestrado a respeito disso. Então, era essa equipe, entendeu? Seu Ângelo (Ângelo da Fonseca) , que dava aula de geografia, lindamente, foi dar aula na geografia do turismo. E adorava pegar os alunos também, levar e ir para o Petar, e nadar dentro de caverna, essas coisas. Quer dizer, eu tive muita sorte profissional no turismo, mas muita sorte, Patrícia. Acho que, se as pessoas que, se assim se as pessoas na administração, tivessem tido a sorte que eu tive como profissional aqui... porque todo mundo tinha muita vontade de fazer. Até o Cadu (Carlos Eduardo de Oliveira Neves) tinha, sabe, tipo, adorava dar aula no turismo, porque queria ver como era a contabilidade de agência. Falei “Sei lá, Cadu, como é que é, vai procurar saber”, entendeu? E aí vai. O levantamento de potencial turístico. Essas aqui são fotos, essa menina aqui, a Érica, ela já era formada em turismo na época. E ela era a coordenadora do projeto. Então, nós pegamos as meninas que estavam fazendo turismo, e a Érica coordenou o projeto de varredura da cidade do município de Pinda. Então, a Prefeitura, ela foi assim, pela APM (Associação de Pais e Mestres), a gente prestou um serviço para a Prefeitura. Então, as meninas ganharam, se eu não estou enganada, foi uma bolsa, o equivalente a uma bolsa, que era um salário mínimo durante os meses que ia fechar isso. Eu planejei o projeto todo, então a Érica administrou esse planejamento. Então, a Érica ganhou um pouco mais pela Prefeitura, e entrou como se fosse um pagamento pela APM. Então, a APM pagava para eles. Eu não sei como é que foi feito isso. A Érica, ela era formada, porque precisava de uma pessoa com ensino superior para coordenar, ela era formada em publicidade e propaganda e ela fez o curso Técnico em Turismo aqui. Então, ela era ex- aluna, e eles eram alunos. Então,

por ela ser formada, ela coordenou isso como gestora do projeto, durante, acho que foi quatro ou cinco meses. Eu não me lembro mais do tempo que levou. E a gente criou um relatório que tinha coisas que a gente nunca imaginava que tinha em Pinda, entendeu? E assim, o potencial todo que tinha. Eles fotografaram todas as igrejas que tinha, todas as cachoeiras, tudo. E a prefeitura forneceu transporte para as meninas andarem. O que essas meninas andaram, que foi um negócio absurdo. E essas são as fotos que elas tiraram, que foi para esse relatório. Então, está tudo aqui. Eu tenho o relatório, eu te passo, eu trago para você. Isso aqui é tudo foto do potencial As cachoeiras, as casas, entendeu? E o Hare Krishna. Aí as criações que tem, né? Aqui o cara que fazia... Você lembra quando Aparecida abriu o Magic Park? Eles falaram que eram miniaturas importadas da Itália. Mentira, estava tudo sendo feito aqui em Pinda.

PCM: Eles falaram que era coisa importada da Itália.

MM: Talvez o relatório tenha, eu não tenho certeza. Porque essa foto está no relatório. É esse cara aí que está fazendo essa estátua da Liberdade. Que, se se bobear é a primeira nojenta daquela loja da Havan, né? Não sei. E aí vai. E aí ela foi fotografando a parte de hospedagem também. Pessoal que era, eu não me lembro mais, eu acho que era.. o viveiro municipal. Essas coisas que tinham que...o pior é que eu não lembro de todas os detalhes. Eu acho que lá no relatório, Esse aqui não é. Mas lá no relatório eu acho que tem escrito. Porque essas fotos eu acho que estão todas no relatório. Aqui é do Arraiolo. Arraiolo, sei lá, bordado em tela. Não sei. Esse aqui era a Praça São Benedito, é ... São Benedito. Só que era diferente. Aqui as visões de cima, né? Do Pico de Itapeva. Aqui, o Pesqueiro. Ainda antes de reformar, porque agora tá maior lá né. Essa cachoeira eu acho que é de lá do.. Trabiçu. Isso aqui é criação de búfalo, que eu nem sabia que tinha em Pinda na época, não sei se ainda tem. Aqui é Cultura de Blueberry, acho que é cultura de Blueberry. Está escrito lá no relatório tudo certinho.

PCM: As estátuas também não sei onde é. Então...

MM: É na divisa, né? Porque ali tem aquela coisa. Deve ser. E aqui é o Reino das Águas Claras, que eu nem sei como tá hoje, porque eu não fui nunca mais lá.

PCM: Tá fechado Patrícia Magalhães.

MM: Tá fechado, mas não sei nem como é que está. Porque tinha as estátuas, né?

PCM: Inaudível

MM: Esse seminário aqui. Esse aqui é da Andréa, né? E aqui é as fotos de lá do seminário, do outro.. Esse aqui é de dois mil e... É o primeiro seminário. Esse é desse. Esse é do Andréa Santim e essa aqui são das visitas técnicas que vêm depois (fotos das visitas técnicas)

MM: Esse seminário aqui foi um seminário muito importante. Esse aqui foi o primeiro seminário. Que foi feito no Vale Paraíba de Turismo. Depois deles fizeram em Bananal. Fizeram em um monte de outras instituições. Entendeu? Mas aqui eu consegui trazer muita gente para falar. E tinha gente de fora assistindo também. Entende? E aí é esse seminário aqui. Olha, da Associação das Empresas de Turismo, Donos de Agência. Foi uma semana de...

PCM: Inaudível

MM: Não, Aí esse aqui até causou uma briga com a Ivete (Ivete da Mota Colin). Porque ela queria que fizesse aqui, mas eu... Mas nem os banheiros daqui estavam bom. Você lembra que estavam tudo arregaçado? Falei, eu não vou trazer essa gente pra cá. Esse seminário que eu trouxe gente da embaixada. Sabe? Então eu aluguei um lugar que tinha ali perto da Santa Casa. Que se chamava Espaço Onix. Hoje é negócio da prefeitura. Fica bem...você... onde era o Hospital da Unimed, e na esquina tinha um... eu aluguei aquele lugar para fazer. Porque eu falei, eu não vou trazer os caras aqui.

PCM: Fedia o banheiro. Como é que eu vou trazer as pessoas? Entendeu. Né?

MM: Falei, bom. Aí a Ivete (Ivete da Mota Colin) brigou comigo, ficou uma semana sem falar. Ela ficava semanas sem falar comigo, de vez em quando, né? Porque eu fazia as coisas e ela... Até o dia. A melhor com a Ivete foi quando ela era diretora. Essa eu acho que vocês não sabem. Ela era diretora lá em Taubaté. E ela me levou para ser coordenadora pedagógica lá. E lá em Taubaté era uma escola muito pequenininha. Tinha curso de Informática e Administração só, na época que eu peguei lá, foi em 2007. E aí foi a formatura e eu tinha que montar a formatura, eu queria fazer uma formatura bonitinha. Então eu arrumei um lugar lá... porque não tinha, na escola não tinha como fazer. Depois a gente começou a fazer numa quadra, porque.... Depois eu aluguei um lugar que era um salão do tamanho do salão daqui E aí na hora de tocar o hino Nacional, eu botei o hino Nacional do Olodum. Aí começou. A hora que começou isso (toque de funk), A Ivete (Ivete da Mota Colin), eu estava do lado dela

que era coordenadora pedagógica. A Ivete (Ivete da Mota Colin) fez assim olha (cara de brava), e aguentou o Hino inteiro. Quando terminou, ela batia tanto em mim, que eu só aprontava com ela, coitada. A Ivete (Ivete da Mota Colin) me aguentou bastante. Ai isso aqui é as fotos do seminário. O seminário não teve só gente de fora falando. Os alunos, cada um apresentou um projeto, cada grupo apresentou, acho que foram seis projetos, se não me engano, relacionados ao Vale do Paraíba, para essas pessoas assistirem. Então, a ideia foi essa. E aí eles apresentaram sobre culinária. Eu lembro que um foi a trilha caipira. Eu não lembro mais exatamente os trabalhos que foram. A Luciana deve lembrar bem, porque a Luciana era aluna nessa época. E ela apresentou um dos trabalhos que eu acho que foi até essa trilha culinária. Deixa eu ver... Olha a Lu aqui, ela era aluna aqui, nessa época. Essa turma fez também. E foi um desafio para eles, os alunos apresentarem esse trabalho, porque eles morriam de vergonha. E eles apresentaram para a gente, bom, gente de fachada, diretor da Associação do Turismo do Estado de São Paulo. E eles apresentaram o trabalho deles lá e foram super aplaudidos. E os caras foram... e as pessoas que assistiram foram muito generosas com eles. Eles comentaram, falaram onde estavam as coisas que eles podiam modificar no projeto e não sei o que, e foi sensacional isso. Foi muito legal. E ali tem a equipe que fez. Isso aqui foi um jantar. A gente ganhou. O Gramado (restaurante) forneceu o jantar para as pessoas que vieram fazer a palestra. Mas eu queria mostrar para você a equipe de professores que fez isso.

PCM: Tem uma foto que está a equipe de professores.

MM: Tá a Regina.

PCM: Caramba!

MM: Ah, eu acho que essa foto ficou com o Daniel, não tem mais comigo. É, ficou com o Daniel. Está eu, Daniel, a Vera, a Regina, o seu Ângelo. Eu, Daniel, a Vera, a Regina, o seu Ângelo, a Asuncion. Tem mais alguém. São sete professores. A equipe inteira...a Arlete! Todos esses...foram as pessoas que me ajudaram a montar esse evento. Patrícia, era um tempo muito fácil de trabalhar, de verdade. Eu dei muita sorte. Eu não tenho assim, não tenho outra palavra para definir o que foi. O Daniel não teve a mesma sorte. A Luciana não teve a mesma sorte. Porque daí já era a época do Serrano. Já não podia fazer umas coisas, entendeu? Eu dei muita sorte. Eu fui muito feliz nessa época. E aí começam as visitas, né? Visita técnica. Essa aqui é daqui, ó. Mas essa aqui é de São Luís. Essas são de São Luís. Eu tinha uma diretora que ia nas visitas técnicas comigo. Ela só não foi no Petar porque ela tinha

medo de morcego. Hoje em dia, sabe, eu não tenho o que falar dela, né? Eu dei muita sorte. Aí aqui, ó. Tudo São Luís do Paraitinga, as caminhadas. Pena que nessa época, eu não tive a ideia de fazer um concurso de fotografia, de verdade. Porque olha cada foto que eles tiravam... olha o tamanho desse mandacaru. Olha o tamanho desse mandacaru. Isso aqui, olha que lindo isso, numa casa de fazenda, no... Esse é o nosso aluno né? Que a filha dele fazia o curso e ele prestou também e veio fazer o curso com ela. E aí veio ele e a mulher dele junto na minha visita técnica. As meninas na alcova da casa.

PCM: Inaudível

MM: Essa casa em São Luis? A gente via muito fantasma lá. Essa aqui era uma casa que estava muito caindo aos pedaços, que a gente fotografou também. E aqui a dança do sabão à noite. Que o pessoal, tocador de viola o São Luís Paraitinga preparou um evento para os alunos do curso técnico de tocar viola. E tinha a dança do sabão, e não sei o que. E isso aqui foi surpresa que a moça do receptivo de lá preparou para a gente. Como a gente fez (inaudível)... E a segunda coisa, porque também primeiro teve palestra do pessoal do rafting. Eles não fizeram rafting, porque era muito caro. Tá aí no rafting, tem a palestra.

PCM: Inaudível

MM: Isso aqui foi numa pousada que não existe mais, ficava na estrada. Não era a Apice (pousada), que ficava lá dentro, era a Sertão das Cotias (pousada). Tinha um salão enorme lá, e a gente fez essa palestra lá. Não existe mais, fechou essa pousada. Não sei. que acontece. A Nossa Senhora das Mercês...

PCM: Você ficou lá?

MM: Oh...Nós alugamos quartos, nós fechamos o Sertão das Cotias e a Àpice. Foram 70 e poucos alunos e mais a Ivete (Ivete da Mota Colin), mais o professor, a doida da Arline (Arline Affareli) que era professora.

MM: Fala, conta da casa.

PCM: Era de um antepassado meu.

MM: É mesmo? Esse casarão aqui? E ela estava super preservada.

PCM: inaudível

MM: E ? Essa aqui da igreja que inundou, ó, essas fotos aqui. Eu não sei como é que ficou. A Nossa Senhora das Mercês (igreja) eles recuperaram. Acharam mas ela estava até quebrada, tinha um pedaço quebrado. Ela é maravilhosa né? A Nossa Senhora Grávida.

PCM: inaudível

MM: É, teve a enchente em 2008.

MM: Aqui a caminhada, a gente fez o circuito da cidade, passando pelos prédios histórico, eles explicaram. Esse prédio, eles andaram à cavalo e tudo mais. Isso tudo foi... o pior que eu não me lembro o nome da moça do turismo, eu sei que ela não mora mais aqui. Era a Ana? Ai, não lembro dela. Ela que montou o esquema todo do percurso pra gente, e me ajudou a montar a visita técnica e tudo mais. A Dona Cinira (viúva do compositor e cantor Eupídio dos Santos) aqui na casa, essa moça que é a Dona Cinira. A Dona Cinira tinha um acervo, ela deixou os 60 alunos entrarem, explicou para todos. Explicou de novo, explicou de novo. Sorte de quem foi.

MM: E aqui o circuito, o circuito. Aqui é todo circuito. O casarão que caiu. Inaudível

MM: Eu falei para você, eu tive muita sorte, não tenho outra palavra para falar..

MM: Os bonecões...Aqui era de Taubaté, mas estava sendo vendido lá em São Luís do Paraitinga (artes de barro) Isso aqui era num mercadão que tinha essas artes aqui, era tudo do mercadão. O mercadão tinha coisa para comer e arte, artesanato.

MM: Essa casa aqui é interessante demais. Isso aqui é a casa do dentista que fica na subida, que ele restaurou a casa dele. É a única...o único casarão restaurado de São Luís. E ele não caiu com a enchente, porque ele fica na subida lá para o casarão do Osvaldo Cruz. Perto da capela das Mercês. Aí tinha aquela subida. O casarão ficava aqui. Ele comprou o casarão, ele era um dentista. Ele comprou o casarão e ele reformou, ele não reformou a casa, ele restaurou, ele conseguiu. Foi uma das plantas que foram salvas da enchente essa casa. Ele restaurou todo o casarão, ele mandou fazer os cravos para fazer as janelas de madeira. A única coisa que ele não conseguiu foi a tábua do chão original, porque não tem mais a tábua larga. Ele falou, a única coisa que vocês estão vendo aqui que não é igual à original, é a tábua.

E ele pegou a casa e fez uma janela de vidro com um pedaço para mostrar o que era a taipa, o que era a taipa de pilão e a taipa de barro, que era de dentro e de fora. E ele deixava a gente levar os alunos. Inaudível . Aqui, ó. Essa janelinha aqui, essa janela aqui, é a taipa, ele fez (a janela) fez na escada pra as pessoas entenderem. E aqui atrás ele deixou aberto olha, as camadas aqui. Sensacional a casa do cara. Aqui, ó. Isso aqui é a entrada da casa. Visita técnica ao Petar 2000, que daí são essas fotos aqui. São daqui. Aqui no Petar é foto de caverna, né? As fotos de caverna não fazem muito sentido se a gente for ver, porque você estando lá, você sabe o que é. Mas é, são as mais sem graça. E aqui é o estado que as pessoas ficam depois. Essa Priscila (Pacheco) aqui, né? Essa Priscila. Aqui, ó... Ela foi umas quatro vezes. Bom, aí tem outras histórias muito engraçadas disso aqui, mas depois eu conto para vocês.

MM: E aqui, aqui finalmente é da Caverna do Diabo. Que era a última caverna que a gente visitava. Mas essa caverna, ela não tem muita coisa legal porque ela não é aventureira, né? Você entra de sapato. As outras, você não sai desse jeito, como todo emporcalhado. Essa é super tranquila. Ela tem passarela, tem escada e tal. As outras, não. As outras tem pedaço que tem que fazer se arrastando e tal. É bem legal.

MM: Aqui foi uma trilha que a gente fez, mas essa aqui foi só trilha mesmo. Foi um grupo de alunos, não foram todos. Eu dei um curso específico para eles de trilha de marca de altitude. E aí o pessoal do Horto de Campos, emprestou o alojamento para gente, que fica lá perto do restaurante da Dona Chica. E a gente ficou lá fazendo esse curso. Mas foram só esses alunos que queriam fazer, fazer essa parte. E aqui foi a noite, porque nós passamos a noite na coisa lá. Ah, foi muito legal.

PCM: E aí? Acabou, daí você foi embora para Taubaté? Foi isso?

MM: Não, então. E agora? Visita técnica foi em 2001, São Luís do Paraitinga. Então, a coisa aconteceu assim. Só que você viu que foi até 2004, se eu não me engano. Aí em 2005, o Daniel assumiu a coordenação e a gente começou a trabalhar com outras frentes. Esse aí é de São Paulo. Tem uma abertura, mas acho que é o último esse lugar. Tá aqui ó, São Paulo, 2003. Esse aqui, isso. E essa aqui é a capa. Bom, aí o que aconteceu? O Daniel assumiu a coordenação. Eu não me lembro em que ano que foi exatamente, mas eu acho que foi em 2004. Se eu não me engano, esses aqui foram os anos que eu coordenei. Eu acho que é isso. E aí o Daniel fez um. Então, quando o Serrano (Antonio Serrano) assumiu a direção, é bem nessa época que o Daniel assumiu, porque eu vi que não ia conseguir fazer mais nada.

Porque o Serrano não deixava a gente tirar aluno, não deixava a gente fazer nada. E continuei só com o ensino médio, junto com a Marta, que dava aula em técnico de turismo, mas continuei fazendo as coisas no ensino médio, porque a Marta me dava o respaldo. Porque eu sozinha, eu nunca consegui fazer nada sozinha. Eu consegui fazer tudo isso que você está vendo nessas fotos, porque eu tinha essa equipe que era sensacional. Então, assim, eu falei, agora é a hora de eu ajudar eles. E a Marta tinha esse projeto, o projeto do Paraíba do Sul, essas coisas todas. Falei, vou focar mais no ensino médio e dar aula no turismo. E o Daniel toca do jeito que ele achar melhor. E ele tocou ainda, ele já fez visita técnica, a gente foi para Petrópolis. Eu não sei se ele tem foto dessas visitas de Petrópolis. Eu fui junto e tudo, mas não era eu a coordenadora, já era ele. E a gente foi focando para isso. Aí a Marta também encheu o saco aqui, porque o Serrano não deixava as coisas. E a Ivete (Ivete da Mota Colin) esestava montando a escola lá em Taubaté. Então, a Marta foi para lá para montar o ensino médio, porque na época era só dois técnicos lá. E aí Marta ficou doente, morreu, então foi entre 2006 e 2007. Em julho de 2006 até julho de 2007, eu fiquei afastada por causa da doença do Marco. Ele morreu, eu voltei em agosto de 2007 e a Ivete (Ivete da Mota Colin) já me puxou para lá para ser coordenadora pedagógica. Aí lá os desafios foram outros, fui que fazer outras coisas. A escola estava começando, a gente estava começando o ensino médio. Acho que a primeira turma foi em 2007, 2008 de Ensino Médio lá. E a Marta coordenando, eu fazendo coordenação pedagógica. Então, ampliou a escola, criou outro prédio. Só tinha um, aí criou outro prédio. E aí a gente tinha que fazer outras coisas. Festas de juninas, outras questões. E o turismo morreu aqui, que foi quando o Daniel foi para Ribeirão. A Luciana ficou coordenando acho que um ano, seis meses. Logo que o Daniel afastou, a gente tinha que ir para outros lugares, porque ele só dava aula de turismo. E aí ficou na conta da Luciana, e a Luciana também tomou outros rumos e tal. Aí eu fiquei lá e lá replantei o curso Técnico em Marketing. Isso foi implantação minha, porque era a minha área. E eu queria implantar um que era técnico em comunicação visual, que era mais ligado à publicidade. Mas a gente estudava, a única pessoa que tinha qualificação, porque na época eram bem fechadas as qualificações, a gente não podia dar aula em qualquer coisa. Então ela falou “única que eu tenho é você. A gente vai ter que pegar um de gestão, porque esse é técnico na área de comunicação e só tem você aqui”. Aí eu falei, “eu vou no marketing, que era o mais certo”. Aí nós implantamos o curso de marketing lá, coordenei o curso marketing, fiz algumas coisas interessantes lá também. Depois, quando chegou a pandemia, porque daí, coordenei um tempo, larguei e a Marcela coordenou, e vai e volta, aquela coisa toda. Então quando chegou a época da pandemia, surgiu um projeto lá que era um tal de 5S. Surgiu antes de começar a pandemia, no ano de 2020. Aí eu falei, o diretor falou, você quer pegar esse projeto? Porque estava diminuindo as aulas no marketing. O marketing... agora tem só o técnico, o técnico

junto com..., o técnico mesmo acabou. Ele falou, tá diminuindo muito, você quer pegar? Falei “Ah, eu pego”. Aí entrou a pandemia, o que você faz com o 5S na pandemia, dentro de casa? 5S tem que tá na Unidade né? Então eu falei, bom vou montar um ciclo de palestra, a gente montou lá algumas atividades online e tal. E nessa, 5S, me chamaram para fazer um projeto para entrar no projeto dentro do UGAF. Porque o UGAF tem a coisa de... o UGAF dentro do Centro Paula Souza, é a Unidade de Gestão Administrativa e Financeira. Então é assim, para você ter uma ideia, o Centro Paula Souza, ele tem um orçamento anual a mais de 10 anos de 2 bilhões de reais. Que parece muito dinheiro, mas não é. E faz tempo que o governo do Estado não suporta mais esse orçamento. Então, desses 2 bilhões de reais, 97% é folha de pagamento, e 97% paga professores e funcionários da gestão. 3% são a grana que compra computador, mesa, cadeira, reforma prédio, essas coisas todas. Eu não sabia e não tinha ideia desses valores. Quando eu entrei lá na UGAF é que eu vi que eu não sabia nada. Então, a UGAF gera esses 3%. O resto é o RH, que é as pessoas. Esses 3% que dava uns 60 milhões, mais ou menos, é para sustentar hoje as 309 unidades do Centro Paula Souza. Que é pouco, se a gente for vê. Então, essa gestão, essa unidade de gestão, ela faz a gestão do suporte, por exemplo, da compra de papel higiênico ao pagamento das coisas para merenda. Onde tem que bancar a merenda que não é da Prefeitura e tal. Então, é lá na UGAF que passa todo esse dinheiro.

PCM: Você tá lá agora?

MM: Eu tô lá. A ideia, no princípio, era o projeto de comunicação. Então, a UGAF, a gente tinha uma diretora que ela era muito interessada em mostrar o que ela estava fazendo, e aí ela chamou a gente para fazer isso. Eu e a Bianca. A comunicação da UGAF com as unidades. E a gente conseguiu. Aí, agora, eu tô no projeto de patrimônio. De gestão de patrimônio. E é isso.

PCM: A gente tem que transcrever isso tudo. Obrigada viu, Morgana

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Etec João Gomes Araújo

Centro de Memória

Patrícia Campos Magalhães

Morgana Marcatto

Ivete da Mota Colin

Arline Affareli

Vera Klain

Técnico em Hotelaria

Técnico em Turismo

Técnico em Marketing

Concurso de fotografias

Etec Geraldo José Rodrigues Alckmin

Unidade de Gestão Administrativa e Financeira

Turismo Receptivo

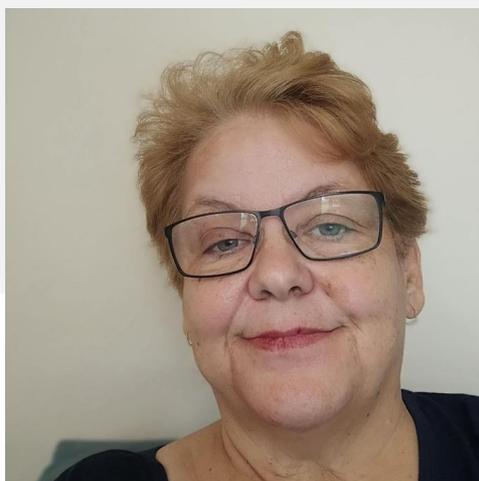
UGAF

Dados Biográficos da entrevistada:



Morgana Marcatto construiu uma trajetória marcada pelo compromisso com a educação profissional, a inovação pedagógica e a gestão educacional no Centro Paula Souza. Graduada em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, complementou sua formação com especializações em Administração de Marketing (ESPM), Ecoturismo – Planejamento de Localidade para Ecoturismo Rural (Senac São Paulo) e Didática do Ensino Superior (FAPI). Ingressou no Centro Paula Souza em 1998 como professora de Marketing no curso Técnico em Hotelaria e, logo em 2000, assumiu a coordenação do recém-criado curso técnico em Turismo. Sua gestão se destacou pela adaptação do currículo às necessidades regionais, com foco no turismo receptivo, rural e de eventos, ampliando as possibilidades de inserção profissional dos estudantes. Ao longo

da década de 2000, atuou ainda na coordenação do Ensino Médio na Etec João Gomes de Araújo, em Pindamonhangaba, e na Etec Geraldo José Rodrigues Alckmin de Taubaté, onde contribuiu para a implantação do Ensino Médio e do curso técnico em Marketing. A partir de 2020, passou a integrar a Unidade de Gestão Administrativa e Financeira (UGAF) do Centro Paula Souza, em São Paulo, contribuindo em projetos de comunicação institucional e, atualmente, na área de Gestão de Patrimônio.

Dados Biográficos da Entrevistadora:

Patrícia Campos Magalhães tem graduação em Ciências Jurídicas pela Universidade de Taubaté (UNITAU) e graduação em Letras (R2) pela Claretiano. É também pós-graduada em Português, literatura e linguagem, pela Universidade Claretiano, especialista em Educação Técnica pela Faculdade São Luiz EAD. Tem experiência em advocacia e como professora do ensino profissional. Trabalha no Centro Paula Souza desde 1996, onde atuou como coordenadora na cidade de São José dos Campos e na cidade de Pindamonhangaba. Trabalha, desde 2011, no projeto de Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP)

Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Morgana Marcatto

Termo de Autorização para Uso de Imagem de Morgana Marcatto